



Handwritten signature or initials in blue ink.

ATA Nº5
SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL
DE BORBA
REALIZADA NO DIA VINTE E CINCO DE ABRIL DE DOIS MIL E CATORZE.

----- Aos vinte e cinco dias do mês de Abril de dois mil e catorze, nesta Cidade de Borba, no Salão Nobre dos Paços do Município, reuniu, pelas onze horas, em Sessão Extraordinária, a Assembleia Municipal de Borba, com a seguinte ordem de trabalhos:

-----**PONTO ÚNICO:** Sessão solene comemorativa do quadragésimo aniversário do vinte e cinco de abril de mil novecentos e setenta e quatro -----

-----Tendo presente o nº 1 do artigo 28º da Lei 75/2013 de 12 de Setembro lavra-se a presente ata-----

-----**O Senhor Presidente da Assembleia Municipal** procedeu à abertura da sessão e ordenou a realização da chamada, verificando-se a presença dos Membros: Luiz Manuel dos Santos Bimbo; Ricardo Jorge Brinquete Lapão; Rui Miguel Tavares Nobre Franco; Célia Maria Matos Alpalhão; Pedro Manuel Alpalhão Bilro; Leonel António Valentim Infante; António Júlio Fiorindo Prates; Ângelo João Guarda Verdades de Sá; Luis Miguel Generoso Baltazar; Joaquim Manuei Ganito Trincheiras; Augusto Manuel Bilro Guégués; Paulo Jorge Ramos Ferreira; João Miguel Cordeiro Geadas Letras; João Pedro Velez Paulo; Crispim Francisco Avó Lopes; Paulo Jorge Panasco Aires; Quintino Manuel Primo Cordeiro; João António Ameixa Morgado.-----

Verificou-se a ausência dos membros: Francisco José Ramalho Mendes que justificou a sua falta. (que se arquiva em pasta anexa como **doc. nº 1**); Pedro Manuel Lopes Grego que justificou a sua falta (que se arquiva em pasta anexa como **doc. nº7**). -----



-----O Presidente da Assembleia Municipal cumprimentou todos os presentes, e seguidamente pediu ao Senhor deputado Luis Miguel Generoso Baltazar que procedesse à tomada de posse.-----

-----Disse que, como era costume, na sessão comemorativa do vinte e cinco de Abril usariam da palavra as quatro forças políticas com representação na Assembleia Municipal, por ordem crescente de representatividade, a seguir o Senhor Presidente da Câmara Municipal e, no final, o Senhor Presidente da Assembleia Municipal.-----

-----O deputado **João Pedro Paulo** em representação da força política **CDU** -Coligação Democrática Unitária, proferiu o seu discurso, que se anexa no final desta ata (**anexo 2**). -----

-----Seguidamente o senhor **Presidente da Assembleia Municipal** cedeu a palavra ao senhor **Paulo Jorge Ramos Ferreira** que em representação da força política **PSD** – Partido Social Democrata, leu o discurso, que se anexa no final desta ata (**anexo 3**) -----

-----Seguidamente discursou o membro representante do **PS** - Partido Socialista, o senhor **Luís Miguel Generoso Baltazar**, cujo discurso se anexa no final desta ata (**anexo 4**). -----

-----Seguidamente discursou o membro representante do **MuB** - Movimento Unidos por Borba, o senhor **Pedro Manuel Alpalhão Bilro**, cujo discurso se anexa no final desta ata (**anexo 5**). -----

-----Seguidamente proferiu o seu discurso o senhor **Presidente da Câmara Municipal**. -----

-----"Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal -----

----- Exmos. Senhores Membros da Assembleia Municipal-----

----- Exmos. Senhores Vereadores-----

----- Exmas Senhoras-----

----- Exmos Senhores-----

----- Ouvi com muita atenção os quatro discursos, feitos pelos membros que pertencem a esta Assembleia, fiquei sensibilizado! Lembrei-me que existem trezentos e oito concelhos no nosso país, e multiplicando trezentos e oito, vezes quatro ou vezes seis, dá mil e oitocentos, mais ou menos, e esse número a multiplicar por quarenta anos, imaginem o



mil

que se terá dito sobre o vinte e cinco de abril, durante este tempo. -----

----- Eu, tive o privilégio de conhecer alguns Capitães de abril, alguns deles esquecidos. A maior parte desses Capitães foram de tal forma generosos, que após ter terminado o "vinte e cinco de abril", voltaram aos quartéis e cumpriram a sua missão como militares, aquilo que sempre quiseram fazer. -----

----- Em mil novecentos e setenta e cinco houve um juramento nos ralis, em que as pessoas se levantam de punho fechado a jurar à constituição, quem comandava a bateria era o Capitão Couto, e quem comandava os ralis na altura era o coronel Leal de Almeida. Estes Capitães que lutaram pelas nossas vidas, permitindo-nos que hoje, possamos estar aqui a falar e a discutir, alguns deles, perderam as suas carreiras, pelas opções políticas que tomaram ou obrigaram a tomar. Alguma coisa está mal, na dita democracia, quando uma Assembleia da República não permite que estes homens sejam ouvidos nesse mesmo local. Naturalmente com um discurso de homenagem a todos os que participaram no vinte e cinco de abril de mil novecentos e setenta e quatro. -----

Incomoda-me que determinadas pessoas, fruto da democracia conseguida, consigam tratar tão mal outros, que lutaram com empenho e querer por essa mesma democracia. -----

----- Há pouco tempo estive aqui em Borba um "Capitão de abril", foi com muita honra e alegria que o recebi na nossa cidade. Foi um recordar de vida, de situações vividas, as quais recordam, como foi ganha a nossa democracia. Como é possível, que não seja permitido, que a associação vinte e cinco de abril, dos oficiais, do movimento das forças armadas, seja ouvida na Assembleia da República. Cada um será julgado por aquilo que fez, e por aquilo que faz. -----

----- A Constituição da República Portuguesa, fundada em mil novecentos e setenta e seis, permitiu que todos nós tivéssemos uma lei fundamental, onde estão contempladas coisas básicas como o ensino, a saúde, a habitação, a dignidade da vida humana. -----

----- A estadia do FMI - Fundo Monetário Internacional, e da TROIKA em Portugal, revela o quê? Que somos mal governados, ou que não nos sabemos governar? Mas afinal o que se



passa em Portugal? Se eu for trabalhar para o estrangeiro, sou um belíssimo trabalhador, mas em Portugal não o sou! Será falta de organização? De coragem política? -----

----- O poder político deve estar equilibrado com o poder económico e determinar aquilo que é socialmente importante para as pessoas. Neste momento temos pessoas a passar necessidades, miséria, e depois temos o estado social da caridadezinha. Não foi para isto que aqueles homens lutaram. Eles lutaram por um “Estado Novo”, onde a democracia vigorasse e todos usufruíssem dos mesmos direitos e deveres. -----

----- O vinte e cinco de abril de mil novecentos e setenta e quatro tem de ser repensado, em termos positivos. O vinte e cinco de abril de mil novecentos e setenta e quatro muito mais do que ser falado tem que ser sentido e vivido. -----

----- Naturalmente que as pessoas que nasceram depois do vinte e cinco de abril, não vivem esta data com a mesma intensidade, que aqueles que nasceram e viveram o antes vinte e cinco de abril. Esses sim valorizam o que foi ganho pelos Capitães de abril. -----

----- Eu, sinto o dever e a obrigação de ensinar aos mais novos, o que representa a data do vinte e cinco de abril de mil novecentos e setenta e quatro, para que eles percebam e valorizem quem lutou pela existência da democracia em Portugal. -----

----- É obrigação do Poder Local, estar atento a tudo o que se passa, tanto a nível económico, como social de um concelho. Mas a maior importância, vai para a união que se possa estabelecer entre as diferentes forças políticas, que integram determinada autarquia, para o seu desenvolvimento sustentável. -----

----- O Poder Local é fruto de abril e uma das suas grandes conquistas. -----

----- Em respeito aos Homens, Capitães de abril, do movimento das Forças Armadas, deveremos sempre respeitar o vinte e cinco de abril e acima de tudo vivê-lo. -----

----- Viva Portugal -----

----- Viva o vinte e cinco de abril “-----

----- Finalmente discursou o senhor **Presidente da Assembleia Municipal (anexo 6)**. -----



iml

----- O Senhor Presidente da Assembleia Municipal deu por encerrada a Sessão. -----

Documentos anexos a esta ata:

Anexo 2: Discurso proferido pelo representante do CDU

Anexo 3: Discurso proferido pelo representante do PSD

Anexo 4: Discurso proferido pelo representante do PS

Anexo 5: Discurso proferido pelo representante do MuB

Anexo 6: Discurso proferido pelo Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Borba, 25 de Abril de 2014

O Presidente da Assembleia Municipal



(Luiz Manuel dos Santos Bimbo)

O Primeiro Secretário



(Ricardo Jorge Brinquete Lapão)

O Segundo Secretário



(Célia Maria Matos Alpalhão)

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia da Municipal,

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal,

Examos. Senhores Vereadores,

Senhoras e Senhores.

Comemoramos este ano o 40º Aniversário da Revolução de Abril, realização histórica do povo português, acto de emancipação social e nacional. Na madrugada de 25 de Abril de 1974, faz hoje precisamente 40 anos, o MFA (Movimento da Forças Armadas), pôs fim a um regime ditatorial que reprimiu o povo português durante 48 anos, realizou profundas transformações democráticas, restituiu a liberdade aos portugueses, consagrou direitos, impulsionou transformações económicas e sociais. A revolução de Abril pôs término a décadas de opressão, perseguição, morte e guerra colonial. O processo revolucionário de Abril foi ponto alto de anos e anos de luta de muitos portugueses, em especial de muitos comunistas, que desde 1926, se opuseram e resistiram à tirania do estado novo.

As comemorações do 40º aniversário do 25 de Abril significam, nesta conjuntura bárbara de ofensiva contra as suas conquistas, travar uma batalha pela verdade histórica quanto ao seu significado, a sua importância e o seu papel no processo mais avançado de conquistas civilizacionais da nossa história contemporânea. Por isso, as comemorações dos 40 anos de Abril podem e devem contribuir para despertar consciências, o que se justifica ainda mais quando a pátria portuguesa vive um dos mais graves e dolorosos períodos de afrontoso conflito com o que Abril representou de conquista e avanço para os trabalhadores e o nosso povo. Portugal vive uma grave e profunda crise económica e social. Agrava-se a exploração dos trabalhadores e a degradação dos seus direitos, agravam-se as desigualdades, limitam-se as liberdades

do povo português, limita-se a democracia, empobrece o País, milhares de portugueses são empurrados para o desemprego e a emigração, a Constituição da República é subvertida e é posto em causa o futuro de Portugal e dos portugueses.

Comemoramos também este ano, o 38º aniversário da Constituição da República Portuguesa, com plena consciência que enaltecer o projecto de desenvolvimento e de soberania que comporta, é inseparável do processo revolucionário de Abril e da prolongada luta dos trabalhadores e do povo português que viram nela reflectidas as suas aspirações e as suas realizações traduzidas em conquistas, mudanças e transformações revolucionárias de um tempo de viragem e de ruptura com a ditadura fascista.

Mas também com a mesma percepção e preocupação que em sucessivas revisões a mutilaram e empobreceram, limitando o seu alcance e conteúdo progressista como se tornou evidente nas práticas governativas anticonstitucionais de quase quatro décadas de política de direita, protagonizados quer por governos do PS, quer por governos do PSD e CDS.

Na prática uma despudorada tentativa de concretização da velha ambição de ajustar contas com as mais importantes conquistas de Abril, pondo em curso um verdadeiro programa de subversão contra-revolucionário, que paulatinamente tem vindo a destruir direitos económicos, sociais e culturais do povo português, as funções sociais do Estado e o Poder Local Democrático, ignorando a importância e a transcendência que representam para as populações e para a resolução de muitos dos problemas que as afectam no seu quotidiano.

O Poder Local é parte integrante do regime democrático e do seu sistema de poder. É uma conquista que viu consagrados na Constituição da República os seus princípios democráticos. Um Poder Local amplamente participado, plural, colegial e democrático, dotado de uma efectiva autonomia administrativa e financeira.

Com as primeiras eleições livres e democráticas, para os órgãos das Autarquias Locais, em 12 de Dezembro de 1976, o Poder Local Democrático afirmou-se, operando profundas transformações sociais e teve intervenção na melhoria das condições de vida das populações e na superação de enormes carências, substituindo e sobrepondo-se, até em alguns casos, na resolução de problemas que excedem em larga medida as suas competências.

É urgente comemorar e defender abril, num país sujeito a 14 mil milhões de euros de austeridade impostos pelo pacto de agressão, liderado por PSD/CDS e troika, num país onde o assalto severo aos salários, às pensões, as reformas, aos abonos de família, ao subsídio de desemprego, ao rendimento social de inserção e outras prestações, atirou para a pobreza mais 500 mil portugueses. O nosso país soma, hoje, 2,5 milhões de pobres, que vivem abaixo do limiar da pobreza, muitos sem habitação, sem comida ou medicamentos, sujeitos a uma vida de miséria, sem um mínimo de dignidade. Milhares de idosos aposentados, reformados e pensionistas, confrontados com uma Lei de uma violência inaudita, já aprovada pela maioria parlamentar que sustenta este governo, que destrói direitos e legítimas expectativas, ao arrepio da Constituição da República, contra a dignidade devida a todos os cidadãos deste País, da Democracia e de todos os valores conquistados com a Revolução de Abril.

É imperioso festejar e proteger abril, num país onde o Serviço Nacional Saúde é lapidado ano após ano, a cada Orçamento de Estado, enquanto se protegem os interesses do capital privado nas Parcerias Público-Privadas com a transferência de milhões de euros para saúde privada. O corte cego no SNS, empurra milhares de portugueses para uma morte anunciada, particularmente idosos, doentes oncológicos e crónicos, deficientes e outras camadas igualmente vulneráveis da população.

É igualmente transcendente recordar abril, quando a educação vê as verbas do OE cortadas desde 2011, num total de 1622 milhões de euros, impossibilitando o acesso à escola pública a muitos portugueses. Joseph Stiglitz, Nobel da Economia, no seu livro "O Preço da Desigualdade", afirmou que o corte na despesa pública em educação é uma das causas do agravamento das desigualdades sociais em qualquer país.

Apesar deste ataque às conquistas de abril, apesar dos duros sacrifícios exigidos aos portugueses, é evidente o fracasso da política contra-revolucionária de direita, que se traduziu no aumento da dívida, em 40 mil milhões de euros, desde que Portugal está sujeito ao pacto de agressão das troikas, interna e externa.

Citando o deputado João Oliveira: *" o governo insiste num programa de terrorismo social, com novos cortes, mais despedimentos, degradação dos serviços públicos. Não há saída da troika enquanto se mantiver este governo e esta política".*

Importa, por isto, apelar aos autarcas, aos trabalhadores, ao movimento sindical e associativo, ao povo português, à participação em unidade, nas comemorações em luta do 25 de Abril e do 1º de Maio, na promoção e estímulo da defesa dos valores e conquistas de Abril, da Constituição da República Portuguesa e pela exigência duma ruptura que abra caminho a uma política que sirva Portugal e os portugueses.

VIVA A REVOLUÇÃO DE ABRIL,

25 DE ABRIL SEMPRE, FASCISMO NUNCA MAIS.

VIVA PORTUGAL LIVRE E SOBERANO.

Minhas Senhoras e meus senhores

Exmo Público

Exmos Deputados Municipais

Exmos Vereadores

Exmo Presidente da Câmara

Exmo Presidente da Assembleia Municipal

Vou iniciar a minha intervenção lendo um trabalho sobre o 25 de Abril elaborado por uma criança de 9 anos, o meu filho, aluno do 4.º ano, e assim perceber sob olhos dele, o que aprendeu ao procurar nos livros, dado que não lhe permitimos uma busca na internet:

O que foi o 25 de abril

Em 25 de abril de 1974, um grupo de militares descontentes com a guerra e com a ditadura levou a cabo uma revolução com o objetivo de derrubar o Estado Novo e devolver o poder ao povo. Acabou-se a Ditadura em Portugal e passou-se a viver em democracia.

Esta situação permitiu:

- A libertação dos presos políticos;
- A existência de vários partidos;
- O fim da guerra colonial;
- A independência das colónias portuguesas: Guiné, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Angola;
- A extinção da PIDE e da censura.

Lenda do 25 de abril

No dia 25 de abril de 1974, uma florista tinha ido buscar cravos, e, quando ia para casa, um militar perguntou-lhe se tinha um cigarro. A senhora só tinha cravos e então deu-lhe um.

O militar pôs o cravo no cano da espingarda e os outros militares acharam graça e também colocaram um cravo no cano das suas espingardas. Como nesta revolução não houve sangue, ela foi então chamada de revolução dos cravos. O cravo é assim um símbolo do 25 de abril.

Termina aqui a descrição simples e concisa deste trabalho.

Na noite de 24 de Abril de 1974, poucos imaginavam que o país estava decidido a mudar, um país cansado e gasto onde eram muitas as proibições e onde era ainda maior a falta de liberdade...

Para as novas gerações é difícil entender o entusiasmo com que esta revolução foi acolhida. Do "antes" sabem vagamente que só havia dois canais de televisão (a preto e branco), que não havia Coca-Cola nem McDonald's nem Erasmus nem Bolonha. Não sabem o que era viver isolado do mundo, sem acesso a livros, filmes ou jornais. E não sabem a angústia em que se vivia de ver familiares e conhecidos embarcar para morrerem de corpo e alma numa África que tínhamos de defender como nossa.

Nasceria então outro país... Um novo país que se ~~figura~~ afigurava mais justo e mais livre...

Permitam-me recordar as palavras de Sophia de Mello Breyner no seu poema 25 de abril que tão bem sintetizam este sentimento:

"Esta é a madrugada que eu esperava, o dia inicial inteiro e limpo onde emergimos da noite e do silêncio e livres habitamos a substância do tempo"...

Gostaria no entanto de realçar que a plena liberdade tal como a conhecemos hoje, só foi adquirida, quando, cerca de um ano e meio depois, mais propriamente no 25 de novembro de 1975 se enterraram

definitivamente as sêdes, as vontades e as tentativas de instauração de ditaduras em Portugal...

Nesta minha intervenção gostava sobretudo de destacar e homenagear, como já o fiz no meu discurso de tomada de posse, todos aqueles que lutaram pela liberdade, principalmente aqueles que permaneceram no anonimato e que bastante ajudaram a tornar possível estarmos aqui hoje em festa, a comemorar os 40 anos de democracia no nosso País.

A palavra democracia que significa “vontade do povo” sobreviveu e será mais forte quantas mais vezes ela se imponha sobre todas as outras alternativas de governar uma nação, principalmente aquelas que tendem a limitar as liberdades e a oprimir ...

Nestes 40 anos já vivemos e passámos por enormes dificuldades e ainda hoje vivemos tempos difíceis e perturbadores, provavelmente os mais difíceis que vivemos e recordamos aqueles que tal como eu nasceram a partir da década de 70.

Gostaria de ler uma notícia publicada no Diário de Notícias no suplemento economia de 6 de Abril de 2011:

“A primeira vez que o FMI "aterrou na Portela", como ilustrou o cantor José Mário Branco numa das suas obras mais emblemáticas, justamente chamada "FMI", foi em 1977, quando Ramalho Eanes era Presidente da República e Mário Soares era primeiro-ministro do primeiro Governo Constitucional. Então, com uma taxa de desemprego superior a sete por cento, bens racionados, inflação crescente, conflitualidade política e o escudo desvalorizado, o FMI interveio pela primeira vez desde que Portugal aderiu à instituição, em 1960. Na bagagem trouxe "pacotes" que se traduziram em redução de salários e subida de impostos, entre outras medidas. Em 1983, Mário Soares era novamente primeiro-ministro, desta vez à frente do governo do Bloco Central, com o PPD-PSD de Mota Pinto.

Com o desemprego acima dos onze por cento e uma dívida externa galopante devido à subida das taxas de juro internacionais, o FMI emprestou 750 milhões de dólares e novamente impôs cortes nos salários da Função Pública, aumentos de preços, travão ao investimento público e cortes nos subsídios de Natal, entre outras medidas.”

Curiosamente o terceiro pedido foi feito por outro governo socialista, liderado por José Sócrates, e quem diria que o Mário Soares que eu ouço agora falar foi o mesmo que mais baixou o salário mínimo em termos reais e por duas vezes pediu ajuda financeira.

Devemos ter esperança e acreditar que Portugal uma vez mais dará a volta, como tem feito ao longo das imensas vezes em que foi posto à prova. Recordo que inclusivamente já perdemos a independência por um bom par de anos...

Ao passarmos por estas provações muitos se questionam se terá valido a pena e se não estarão a ser postos em causa os valores de Abril, aqueles que prometiam desde logo uma sociedade mais justa, mais fraterna e mais igualitária e compreensivelmente na cabeça do povo português uma sociedade em que se passaria a viver sem grandes dificuldades, mas obviamente muitos destes sonhos ainda não se atingiram e aqueles aos quais se chegou não nos satisfazem por completo...

No entanto recordemos que apesar de todas estas dificuldades, muitos milhares de pessoas passaram a ter uma vida mais digna, passaram a ter acesso a cuidados de saúde e educação que nunca tinham tido antes.

Com a situação que vivemos, não podemos deixar de recordar que um dos nossos principais problemas, como país, foi gastar acima das nossas possibilidades. Já Luís de Camões nos Lusíadas em 1572 nos dizia "o gosto da cobiça e da rudeza de uma austera e apagada vil tristeza".

Uma das maiores conquistas do 25 de abril foi sem dúvida o poder autárquico, este que concede ao Exmo. Presidente da Assembleia Municipal a honra e a responsabilidade de ser o garante máximo da liberdade no nosso concelho, esta liberdade que é sem dúvida o mais precioso dos bens, mas deve e tem que ser respeitada, nunca esquecendo que a liberdade de uns termina exatamente no momento em que ameaça se atravessa ou muitas vezes se elimina a liberdade de outros, onde o respeito pelo próximo muitas vezes é esquecido ou deliberadamente ignorado.

Portanto como não há poder sem obrigações a si Sr. Presidente exige-se que garanta o respeito e a igualdade a todos os que foram eleitos, independentemente da força política que representem, para que todos possam estar sem medo, sem estarem preocupados com o que possam dizer e pensar, sem estarem sujeitos a censuras e a purgas que infelizmente parecem estar de volta à nossa terra e ao nosso concelho.

Para terminar quero dizer-vos que sim, que valeu a pena o 25 de abril de 1974 porque nada, mas mesmo nada, pode pagar o suave perfume e a doce sensação de todas as manhãs acordarmos em liberdade.

A handwritten signature in black ink, appearing to be 'Mário', written in a cursive style.

Valeu a pena...Respeitemos a democracia ...

Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhor Presidente da Câmara Municipal, Senhores Vereadores. Senhoras e Senhores deputados à Assembleia Municipal. Digníssimo público.

Em primeiro lugar é para mim uma honra poder estar aqui convosco nesta sessão solene, a celebrar o quadragésimo aniversário do 25 de Abril.

Ultrapassados então os velhos clichés, e porque hoje é também o dia da fraternidade, é oportuno saudar-vos de uma outra forma. Uma forma de tratamento um pouco adormecida nos dias de hoje, também ela por sinal da crise que atravessamos e das roturas abruptamente provocadas, pela *Troika* interna. Que, sob o pretexto da *Troika* externa, nos tritura com total intenção. Vou pois usar a mesma fórmula que o Pacheco Pereira recordou a propósito, na Aula Magna. Quero então cumprimentá-los a todos, sem exceção. Independentemente de serem ou não meus correligionários – e digo isto para evitar pronunciar a palavra partidários, porque sei que na sala estão muitos que não o são-, E quero dirigir-me a vós, repetindo a fórmula com que a Rádio Voz da Liberdade (que o Manuel Alegre conhece bem), e iniciava as emissões a partir de Argel com a tonitruante: amigos, companheiros e camaradas.

Amigos, companheiros e camaradas...

**“Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo”**

Oh! Se eu gostava de ter vivido aquele dia. Momentos carregados de emoções, de apreensão mas também mágicos que acompanharam a revolução e ficaram para além dela.

Gostava de ter podido abraçar sentidamente aqueles Homens, em nada parecidos com os homúnculos que hoje por aí abundam.

De ter podido dizer-lhes -obrigada! De rosto lavado em lágrimas e voz embargada.

De ter podido entregar um cravo vermelho a cada um deles.

De ter sentido aquele sabor único que fica quando a justiça impera.

De ter visto o povo nas ruas, cada vez em maior número, uns com olhares de medo, olhando ainda de esguelha, tentando perceber onde andaria o «bufo» mais perto de si, outros com um sorriso de orelha a orelha, sonhando já com o amanhã em liberdade.

Sim, o dia 25 de Abril de 1974 amanheceu como escreveu Sophia: inteiro e limpo. E eu, infelizmente, não existia para o viver intensamente ou para simplesmente o viver. Ainda assim, nunca é tarde para isto.

Não só nunca é demais recordar, como hoje é imprescindível fazê-lo!

Nenhuma outra comemoração do 25 de Abril foi tão importante como esta. Não por ser um número redondo, mas sim por, 40 anos depois, as liberdades, as garantias e o progresso alcançado com o 25 de Abril estarem como nunca, ameaçados.

Não há democracia política que subsista onde não há democracia social!

«Sejamos francos. O momento político que vivemos hoje, fortemente empurrado pelos ventos internacionais, coroa, 40 anos depois, todos aqueles que no dia 25 de Abril de 1974 ficaram atrás das portas à espera que a barafunda dos cravos passasse.» - Lídia Jorge

Mário Soares aliás, com a coragem que o caracteriza, escreveu e cito: “O atual Governo resolveu comemorar o quadragésimo aniversário do 25 de Abril e deu à luz o respetivo programa. Nunca se refere aos militares do MFA, nunca os cita, apesar de terem sido eles - e mais ninguém - quem nos deu o 25 de Abril. Tratando-se de uma Revolução pacífica dos Cravos, que toda a Europa e o mundo inteiro festejou, como tal, não há qualquer referência aos cravos de Abril, talvez por o Presidente da República, Cavaco Silva, nunca se ter dignado a pô-los na lapela, E agora se percebe porquê. Porque antes do 25 de Abril se não foi salazarista, não consta que fosse outra coisa. Talvez para mostrar à direita, a que sitio pertence, e que gosta mais do 28 de Maio de 1926, que abriu portas à ditadura, do que do 25 de Abril de 1974 que deu origem à liberdade.

Usar o cravo não nos apropria mais ou menos do 25 de Abril. Usar o cravo é sim um tributo e uma homenagem de profunda gratidão aos militares de abril. A eles, - e só a eles, devemos tudo.

Pelo contrário, não foram minimamente respeitados! Foram menosprezados, como se de perigosos apátridas se tratassem. Utilizam aliás um tom grave e sério, próprio dos totalitarismos, onde tentam desapropriá-los de algo que é deles. De algo que é nosso.

Os capitães de Abril irão falar lá fora, no Largo do Carmo, onde se aqui não estivesse, marcaria presença com toda a certeza. Porventura dentro do majestoso edifício, seguramente vigiados por cordões de polícias de choque e afins. Na chamada “casa da democracia”, ouvir-se-ão os discursos mais ou menos veementes, desde os meninos de coro do Dr. Portas, à habitual prosa fúnebre dita pelo Sr. Silva, escrita por outro.

Estranhas comemorações estas. No hemiciclo, nas celebrações ditas oficiais, lá estarão eles, apresentando-se como salvadores: os jotinhas, claro está! Aquela “peculiar classe” fixada no próprio umbigo, que fugiu às análises de Marx e de muitos outros teóricos. Talvez por pensarem, eles, que a História com H grande, é uma unidade temporal que começou a partir do tempo em que eles, os meninos de coro, assumiram as respetivas funções.

Como posso eu, sentir-me representado no dia da Liberdade? Os militares a que devemos tudo são maltratados e desprezados. E lá terei eu, e todos nós, que ouvir os discursos da cúpula do poder baseados como sempre, numa folha de Excel, que possivelmente, o FMI lhe oferecera aquando da última avaliação.

Retiraram-nos símbolos da História de um país com mais de 9 séculos. Hoje já não se comemora o 1 de Dezembro. Ou o 5 de Outubro. O reconhecimento e a celebração dessas datas são coisas do passado. No mundo dos Nunos Melos, Dos Mações, dos Marcos Antónios e dos Relvas isso é uma pura perda de tempo. Pois nós, os “piegas”, que vivemos acima das nossas possibilidades, devemos deixar essas coisas de feriados. O que importa é mostrar uma boa imagem lá fora aos mercados.

“Vós que aqui entráis, abandonai toda a esperança”. A frase com que Dante nos recebe no Inferno é uma metáfora exata para a corrente legislatura.

Todas as instituições perderam o crédito junto do povo: Assembleia da República, o Governo, os tribunais, os autarcas... Restava-nos uma: a Presidência da República. Hoje, já nem essa escapa.

De ditadura política transitámos 40 anos depois para uma ditadura económica. Onde é o próprio Presidente da República, nos seus famosos Roteiros, a apontar a data de 2035 como o fim do nosso calvário.

Hoje acha-se normal depor e empossar vários governos sem eleições, sem consultar o soberano. Basta olhar para o caso da Itália.

O tão desejado «Consenso» a longo prazo visa apenas e só desvalorizar as eleições e impor um programa ausente de alternativas. Que na verdade, não é mais do que uma forma camuflada de suspender a Democracia. Não por 6 meses como sugeriu Manuela Ferreira Leite, mas sim por mais de 20 anos. E o pior de tudo é que é o nosso chefe de Estado um dos primeiros a assumi-lo.

Ou seja, ao interpretar os Roteiros e as declarações dos comentadores do costume, concluo: Se não lutarmos, estamos condenados! Depois de 48 anos de Ditadura pode somar-se-lhe mais 20. E corremos o risco de, sobre o presságio de reformas permitir que se corte em tudo e em todos, como se as soluções para os problemas do país subsistissem na ponta de uma tesoura.

Sou um português cuja dignidade me foi traída! Na verdade o meu país submeteu-se a uma subversão psicológica. A uma revolução consentida contra nós próprios.

Sinto-me sim, como parte de um país amedrontado. Amarrado ao situacionismo conveniente que atira as tarefas difíceis sempre para os ombros dos outros. Já Miguel Torga dizia: "Que povo este! Fazem-lhe tudo, tiram-lhe tudo, e continua a ajoelhar-se quando passa a procissão."

Se houve erros nestes 40 anos? É certo que sim. Salta logo à vista que a geração que nasceu com o 25 de Abril, embebida na abundância da liberdade e nas perspectivas de desenvolvimento esqueceu-se de politizar os filhos. E assumiram as conquistas de Abril como adquiridas. Mas já o professor Eduardo Lourenço dissera "A Democracia não é esse regime óbvio, fácil, pai de facilidades. Por definição, é o mais difícil e imperfeito dos regimes políticos uma vez que a perfeição para que tende não tem um fim assinalável".

Mas para os erros, hoje, nem mais uma palavra. Ao fazê-lo, só reforçaria ainda mais a vitalidade dos 'Abrilocépticos' de onde fez questão de se insurgir o cherne. Não o peixe, que sem culpa do epíteto atribuído ao José Manuel, se vê agora conotado com as atitudes deploráveis que pautam todo o percurso político e cívico de Durão Barroso. A pequenez do atual Presidente da Comissão Europeia ao elogiar o ensino de excelência e mérito, (vejam só! Do antigo regime), sem explicar nada, explica muito do porquê dos riscos que temos pela frente.

Julgo que foi Faulkner que disse que "O passado nunca morre, ele nem sequer é passado. E quando nós julgamos que estamos a viver o presente estamos sim a viver uma projeção do passado sobre o futuro". É precisamente para evitar que os fantasmas do passado nos voltem a assombrar que temos, não só o direito, como o dever de reagir.

É justamente por isto que outro 'perigoso esquerdista', como o Professor Freitas do Amaral alerta: «hoje, vivemos num período de forte retrocesso histórico, liderado pelo Governo mais à direita que Portugal teve nos últimos 40 anos, o qual vai procurando, dissimulada mas persistentemente, tentar realizar uma mudança constitucional de forma inconstitucional que apresenta traços característicos de regresso ao um passado que julgávamos irrepetível'».

Pergunto-vos: o governo é dono das pessoas ou são as pessoas que são donas do governo?

Este presente não pode ser o nosso futuro! Por isso, a melhor homenagem que podemos prestar ao quadragésimo aniversário do 25 de Abril, é lutar por todos os meios: Constitucionais, e usar precisamente a nossa única arma - a dos fracos, que é o voto. E para que os espectros do passado não nos sombreiem o futuro - Já não se trata da procura paciente dos "amanhãs que cantam", mas sim da urgência de mudar. E é, parafraseando Salgueiro Maia "há momentos em que é preciso desobedecer", e para terminamos com o Estado a que chegamos, é imperioso começar a integrar a mudança já nas próximas eleições europeias.

Amigos e companheiros e camaradas,

Na clandestinidade, antes do 25 de Abril, nos encontros da oposição, cantava-se muito as canções proibidas. Nem que fosse apenas para sentir o prazer da liberdade por um momento em que se entoavam as letras das músicas.

Proponho então que cantássemos. Não sei se os organizadores desta sessão presumiram esse ato. Mas deviam ter pensado nisso. Porque é de Portugal que se trata e a música não serve apenas como entretenimento.

E para que a voz não nos esmoreça, cantar Grândola, 40 anos depois, é mais do que um apelo ao 'Fascismo nunca mais!'. É também um grito de revolta que devemos ter presente. Contra todos aqueles que deliberadamente permitem a humilhação do povo português e da nossa pátria amada...

Viva o 25 de Abril!

Viva a Liberdade!

Vivam os Capitães de Abril!

Viva Portugal!

Luís Baltazar

DISCURSO ASSEMBLEIA EXTRAORDINÁRIA DO 25 DE ABRIL

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal

Exmos. Senhores Vereadores

Exmos. Senhores Deputados Municipais

Exmos. Senhores Presidentes de Junta

Caras e caros cidadãos

O 25 de abril marca indelevelmente a história de Portugal, encontrando-se no mesmo patamar de importância que tiveram outros acontecimentos históricos que este País já teve a oportunidade de viver e até em alguns casos de dar uma verdadeira “lição” ao mundo, estou a falar por exemplo dos descobrimentos (África, Brasil, caminho marítimo para a Índia, inovações marítimas quer ao nível da navegação quer dos instrumentos de navegação, entre outros), onde os nossos navegadores tiveram papel essencial, refiro-me também às célebres batalhas travadas pela independência de Portugal (Aljubarrota, como maior exemplo), fomos o primeiro país do mundo a abolir a escravatura - em 1761 pelo Marquês de Pombal - embora limitado a Portugal Continental e aos territórios portugueses na Índia e depois a todo o Império em 1869, e não menos importante, que é aquilo que estamos a festejar hoje, fizemos uma revolução com todos os aspetos semânticos negativos que a palavra encerra tendo de forma pacífica quando comparada com outras transições democráticas que aconteceram pelo Mundo, posto fim à mais longa ditadura da Europa, escrevendo assim se não a mais brilhante uma das mais importantes páginas do livro da nossa história.

Foi na realidade das transições democráticas mais pacíficas de que há memória no mundo servindo até de exemplo a outras que se lhe seguiram - como em Espanha e na Grécia - basta olharmos para o que se passa com a denominada “Primavera Árabe” em que estes países e principalmente o seu povo se encontram arrasados pela guerra civil e a luta pelo poder (em que graça a fome, a violência, o terrorismo, a corrupção, o tráfico de seres humanos) ou até aqui bem perto de nós, em pleno continente europeu, com países como a Ucrânia em que

“alguns” (perfeitamente identificados) despertaram as tendências imperiais, autocráticas e separatistas dos tempos da Guerra Fria.

Até porque não vivi esses tempos da ditadura salazarista e marcelista que antecederam o 25 de abril, pelo que, o meu conhecimento em relação a este período é o que me foi facultado pelos livros, pelo testemunho dos mais velhos, e em que não tenho o saber essencial adquirido pela experiência vivida, opto aqui por vos falar em que é que as CONQUISTAS DE ABRIL foram importantes para a geração de que faço parte e sobretudo para o nosso país.

Temos assim a descida exponencial da taxa de analfabetismo da população que em 1970 era de 25,7% e em 2011 era de 5,2%, com grande ganho sobretudo para as mulheres neste capítulo, assim como na aumento significativo de pessoas com o ensino secundário e ensino superior cujos números também dispararam no pós - 25 de abril de 74 (também com destaque para as mulheres). Reparem que as mulheres tiveram ganhos extraordinários a todos os níveis, direito político, direito sociais, familiares, etc.

Outro dos aspetos que saltam à vista com o pós 25 de abril foram os progressos ao nível da saúde com a drástica redução da taxa de mortalidade infantil que foi reduzida de 77,5 por milhagem em 1960 para 3,4 por milhagem em 2012, sendo ao abrigo do Serviço Nacional de Saúde (tão mal tratado nos tempos recentes e que ao que parece alguns querem se não acabar pelo menos dismantelar...) que apesar de todas as ineficiências que lhe são injusta ou justamente apontadas constituem um *case study* a nível mundial. A título de exemplo veja-se o programa *Obama Care* recentemente implementado nos EUA...

São assinaláveis ainda as melhorias nas condições de vida da população quer ao nível das questões de salubridade, acesso a água canalizada, habitação e outras infraestruturas, instituição do salário mínimo nacional, subsídio de desemprego, acesso à Segurança Social (aplicando aqui o que referi em relação ao SNS, alguém quer acabar com ela), direito à greve, etc.

Com a instauração da democracia e a consequente abertura ao exterior de um país até então fechado sobre si próprio (“Orgulhosamente sós...” como alguém dizia) e ultrapassada a fase mais crítica do processo revolucionário com o chamado “verão quente” que termina com o golpe contra-revolucionário do 25 de novembro de 1975 em que o país então sim esteve à beira de entrar numa guerra civil por inconsciência de alguns, foi alcançada a estabilidade necessária após a aprovação da Nova Constituição elaborada pela Assembleia Constituinte

eleita nas primeiras eleições livres pós-revolução de abril que permitiram o encetar de negociações com vista à integração europeia.

Em 12 de junho de 1985 e após duras negociações e diversas reformas estruturais é assinado o tratado de adesão à então CEE (Comunidade Económica Europeia) – hoje União Europeia - acontecimento histórico que, creiam-me, aqueles que acham que hoje estamos mal, sem a integração na Comunidade Europeia hoje ainda estaríamos muito pior e sou até defensor de uma maior integração...

Como podem verificar este País não tem só “coisas” más, há muitas realidades, acontecimentos, factos históricos que nos devemos orgulhar, pois somos um povo diferente para melhor que qualquer outro!

Mais do que todos, a principal conquista e valor saído do 25 de abril de 74, foi sem sombra de dúvidas a LIBERDADE e a DEMOCRACIA, conceitos intrinsecamente ligados pois não existem um sem o outro.

A Democracia, cuja palavra e conceito vem da Grécia antiga que significa “governo do povo” e é nas palavras de um dos mais brilhantes estadistas (na verdadeira aceção da palavra) de nome Winston Churchill “(...) a pior forma de governo, salvo todas as demais formas que têm sido experimentadas de tempos em tempos.”

Assim, e graças a esta efeméride, nunca vivi numa sociedade e num país que não fosse livre, em que não pudesse expressar livremente a minha opinião (fosse ela qual fosse...), que não pudesse ler o que os autores (sejam escritores, jornalistas, etc.) expressavam de forma livre e espontânea nas linhas onde escreviam aquilo que era o seu pensamento e o seu contributo para o desenvolvimento social e económico da sociedade!

Vivia-se, pois, numa sociedade acorrentada aos valores ditatoriais do (FUTEBOL, FADO E FÁTIMA e DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA, não necessariamente por esta ordem), em que essa pressão assentava sobretudo em manter uma sociedade analfabeta, sem instrução, de cariz rural, fechada ao exterior e “presos” nos seus movimentos de pessoas livres e iguais que afetavam a dignidade da pessoa humana.

Porém, não nos esqueçamos, que a LIBERDADE significa também RESPONSABILIDADE e que a LIBERDADE que cada um de nós desfruta, cessa quando colide ou começa a do próximo.

Numa Democracia Plena deve existir liberdade de expressão; deve haver a liberdade que nos concede o direito de dizer aos outros o que eles não querem ouvir; e deve estar consagrada a

liberdade que exigimos para os que pensam como nós, mas que devemos exigir igualmente para aqueles que discordam daquilo que nós pensamos.

Contudo, neste exercício legítimo da liberdade, deve também estar presente a noção de responsabilidade.

Cada um de nós tem de assumir a responsabilidade daquilo que diz e daquilo que faz em nome da liberdade. E deve respeitar o próximo da mesma forma que exige respeito para si próprio.

Neste sentido também as últimas eleições de 29 de setembro de 2013 e o expressivo resultado eleitoral alcançado pelo grupo de cidadãos eleitores – Movimento Unidos por Borba, Associação Cívica - que ficou à beira da maioria absoluta, algo virgem na história do nosso Concelho e com um orçamento diminuto marcou o início de uma nova era para os borbenses, com a união das suas freguesias em prol do desenvolvimento de todo o Concelho de Borba e a melhoria das condições de vida, quer em termos sociais quer económicos, dos seus cidadãos.

Trabalhamos conjuntamente com todos sejam quais forem as suas convicções ou ideologias desde que seja para o bem comum!

Que fique claro que ninguém se encontra excluído deste desígnio – melhorar a vida de todos os borbenses é aquilo que nos move!

UNDOS POR BORBA! – SEMPRE!

Obrigado aos capitães de abril que conseguiram libertar o povo português da asfixia democrática, social e económica em que se encontrava, contribuindo indelevelmente para tudo aquilo que cada um de nós possui hoje, e não me refiro a bens materiais, mas sobretudo civis e os bens intrínsecos à pessoa humana (como a sua liberdade de consciência, de decidir o seu destino, de desenvolver a sua personalidade sem qualquer tipo de constrangimento a não ser os essenciais à vida e livre convivência em sociedade).

VIVA O 25 DE ABRIL, VIVA A LIBERDADE!

VIVA BORBA!

Obrigado!

DISCURSO DO 25 DE ABRIL DE 2014

Ex.mº. Sr. Presidente da Câmara

Ex. mº. Srs. Veradores

Meus ilustres pares

Estimados concidadãos e convidados

Minhas senhoras

Meus senhores

Estamos hoje aqui para recordar, comemorar e prestar homenagem a todos aqueles que tornaram possível os acontecimentos ocorridos nesta data sublime de há 40 anos atrás, uma das mais marcantes e decisivas da nossa História.

A história é, e sempre foi uma ferramenta essencial quer individual quer colectiva. No primeiro caso é indispensável na actividade cognitiva dos seres humanos, no segundo caso, uma comunidade que despreze a sua história deixa de ter identidade própria e estará condenada a repetir os erros de sempre, tornando o seu fracasso inevitável.

Depois de uma prolongada noite de breu carregado, que demorou 48 anos a desaparecer, eis que despontou a radiosa manhã do dia 25 de Abril de 1974 com uma luminosidade tão intensa que ofuscou quase todos os portugueses, abrindo um portal de liberdade, que se adivinhava, e simultaneamente despertando nos nossos corações uma tão necessária esperança, num já gasto tempo de desespero e surda revolta colectivos.

Apesar da celebração desta grandiosa efeméride em primeiro lugar, a minha maior preocupação está dirigida para todos aqueles que neste preciso momento enfrentam e sofrem tormentos de toda a índole, com a devastadora crise que nos assola e nos vem esmagando paulatinamente. Estes resistentes são para mim os heróis hodiernos.

Quarenta anos são passados, desde aquela memorável data, tendo havido desde então evoluções claras na habitação, na

educação, na assistência médica às populações, na libertação da mulher, mas principalmente no exercício da democracia política, contudo a nossa liberdade de hoje é apenas aparente.

O estado autoritário, policial e de delacção generalizados, não é tão evidente de facto, mas o controle do povo continua patente, embora desta vez, de maneira mais subtil é certo, não deixando todavia de ser menos ameaçador e inclemente, propiciando todo o tipo de comportamentos sem equidade, claramente contrários aos princípios do movimento inaugural.

Assistimos agora a outro tipo de ditadura mais sub-reptícia, e mais sofisticada, a do poder económico/financeiro que se tornou tão eficiente que os outros três poderes constitucionais não são senão joguetes nas suas mãos.

Acresce ainda, as permanentes imposições sobre as nossas mentes, através da intoxicação diária pelos média, e por isso mesmo não tenho a certeza absoluta que não estejamos a assistir à morte da Democracia em Portugal tal como a imaginámos então.

Não quero dizer que a economia em geral seja pérfida mas sim que a sua utilização política não tem sido até agora a mais favorável a todos aqueles que a produzem diariamente e que seriam os seus evidentes e mais naturais beneficiários.

Uma vez mais o povo enganado na sua boa-fé, através de uma campanha falaciosa, superiormente orquestrada por alguma comunicação social a soldo, é chamado a pagar os elevados custos dos desmandos daqueles que viveram e ainda hoje vivem acumulando haveres e prebendas de todo o tipo, à revelia, nas suas costas e à sua sombra, assim medrando cada vez mais em completa impunidade.

Como a história dos povos fartamente demonstra a riqueza produzida pelas nações só muito raramente é distribuída de forma equitativa por todos aqueles que a produzem. Temos no actual governo um exemplo exponenciado do que atrás dissemos.

É do domínio comum que o fosso que separa ricos e pobres se tem vindo a acentuar em Portugal. Há cada vez mais ricos e os

pobres estão cada vez mais pobres e são cada vez em maior número, como de resto estatísticas recentes sobejamente demonstram. Não se trata de uma crise efémera, mas antes tem tendência a perpetuar-se como evidenciam os indicadores mais fiáveis.

Não era esta, nem de longe, a situação desejada e esperada com o alvorecer da manhã do 25 de Abril de 1974, que como todas as épocas de mudança encerrava em si um manancial de esperança.

Ordinariamente todos os nossos ministros são inteligentes escrevem belos discursos, discutem com cortesia, utilizam uma dicção correcta, vão a faustosas inaugurações e são excelentes convivas. **Porém são nulos a resolver crises**, como muito bem salientou Eça de Queiroz há mais de cem anos e com plena aplicação nos dias de hoje.

Com o passar dos anos as expectativas nascidas com o 25 de Abril foram paulatinamente defraudadas, e o que resta hoje é apenas um arremedo grosseiro do que então foi sonho apadrinhado por todos.

Acompanho José Saramago quando referia que sentia a insatisfação geral, mas sobretudo dos jovens perante este mundo que já nada lhes oferece, apenas lhes vende quimeras a preços especulativos.

Estamos hoje a assistir à hemorragia maciça da nossa geração melhor preparada de sempre, sob o ponto de vista científico e técnico, desprezando-se assim o capital mais precioso que qualquer país pode ter, como seja o capital intelectual detido pelos nossos jovens, sendo meu temor que estejamos na antecâmara de soçobrarmos a breve trecho por hipovolémia do conhecimento.

A globalização, suposta ferramenta de auxílio aos mais desfavorecidos, tornou-se no veículo mais sofisticado de especulação financeira, fazendo aprofundar cada vez mais o enorme fosso que separa os mais ricos dos mais pobres,

contribuindo deste modo para vincar os desequilíbrios e as desigualdades, dos povos sob qualquer ponto de vista.

O bezerro de ouro da nossa sociedade não é já o dinheiro em si mesmo, mas a alta finança que deve a sua existência enquanto geradora de mais dinheiro a este equívoco, numa escalada escandalosa, muito longe do sonho de liberdade e de igualdade de oportunidades, desencadeado pelo 25 de Abril de há quarenta anos atrás.

Fernando Pessoa dizia com completo conhecimento que matar o sonho é matarmo-nos a nós próprios. É mutilar a nossa própria alma. O sonho é o que temos de realmente nosso, impenetrável e inexpugnavelmente nosso.

Estamos assim a produzir violência contra nós próprios com resultados incertos no que à saúde mental diz respeito, com consequências imprevisíveis num futuro mais ou menos distante, em lugar de dirigir o nosso descontentamento e revolta contra estas políticas que nos vem sujeitando ao garrote da austeridade e da penúria.

De tudo o que nós fazemos de bem-intencionado, de sincero e de isento de ganância, alguma coisa ficará para o futuro, gritou a enorme poetisa, nossa vizinha, Florbela Espanca.

Será esta a nossa cartilha futura e os problemas que de certeza nos irão surgir pela frente não farão esmorecer a nossa vontade de os resolver e ultrapassar quer a nível nacional quer a nível local.

Mais do que viver placidamente o dia-a-dia teremos que reinventar o nosso futuro, não necessariamente dependentes do controle hierárquico das instituições partidárias, desafectas das populações, mas sendo capazes de nos tornarmos plenamente soberanos, como aliás vem acontecendo um pouco por todo o país e o MuB, a nível local, é exemplo paradigmático tendo já demonstrado valor e capacidade, continuando alternativa plenamente válida.

Teremos forçosamente que encontrar por nós próprios o caminho e o escopo do crescimento económico, do aprofundamento da democracia, da justiça social, do progresso e da libertação dos mercados credores, sob pena de sucumbirmos como povo valoroso, com singular identidade, velho de quase novecentos anos.

A dura crise que assola o mundo ocidental, e a nós em particular, neste extremo sul da Europa, não pode nunca ser elencada como pretexto para nos tornar apáticos, de braços caídos, sem brio ou temerosos, mas antes ser motor potente no sentido de galvanizar intenções, congregar sinergismos, incentivar a criatividade, rentabilizar a nossa força de trabalho e o orgulho de sermos portugueses.

Vou terminar, mas antes gostaria de fazer mais uma referência, a um incomensurável vulto das letras portuguesas, que dizia em seu tempo que **“É erro vulgar confundir o desejar com o querer. O desejo mede os obstáculos a vontade vence-os”**. Estou a citar naturalmente Alexandre Herculano.

É este querer e esta vontade que devem ser enaltecidos, incentivados e reforçados, contando para isso com a entejuda de todos os meus concidadãos, sem mesquinhos interesses particulares, ou selectivos, mas antes visando sempre o bem comum, para fazer desta cidade e deste país lugares cada vez mais aprazíveis.

Neste simples alinhavo não foi minha intenção exhibir qualquer tipo de erudição, mas antes procurei “servir-me”, por me faltar engenho e arte, dos nossos maiores, para dar forma, conteúdo e consistência aos meus anseios, que espero e julgo serem compartilhados.

Obrigado pelo vosso tempo e pela atenção que se dignaram prestar-me.

Viva o 25 de Abril; Viva Portugal ; Viva BORBA

Borba 25 de Abril de 2014

